E25031

v. 2 n. 3 2025

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434
DOI:
https://doi.org/10.71263/b6gt8d72

A QUESTÃO DO NADA (OU: PARA UMA ÉTICA DA INTELIGÊNCIA) A PARTIR DE BERGSON E BACHELARD

Fernando da Silva Machado[1]

RESUMO: Nossa intenção é investigar detalhadamente o enriquecedor diálogo filosófico entre as obras de Gaston Bachelard (1884-1962) e Henri Bergson (1859-1941), focando no conceito de Nada e sua conexão com a ideia de Duração. Primeiramente, abordaremos a tese central apresentada por

[1] Doutorando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (FAFIL-UFG); E-mail: f.silva.machado.fm@gmail.com.

Bergson a respeito do Nada, que é descrito como um *ser-mais* em seu capítulo final da obra *A evolução criadora* (1907). Em seguida, abordaremos as ideias de Bachelard sobre Duração e Nada, conforme apresentadas em *A dialética da duração* (1936), destacando que essa obra representa uma reavaliação crítica da perspectiva meontológica-temporal de Bergson. No terceiro capítulo, analisaremos, sob a ótica de Bachelard, a renovação de nossa intuição e entendimento sobre o tempo refletindo sobre o fenômeno das superposições temporais ordenados pela inteligência capaz de produzir uma espécie de ética racional. Na conclusão, mostramos que é a questão do nada que nos leva a caracterizar uma ética da inteligência em Bachelard.

PALAVRAS-CHAVE: Bachelard; Bergson; Nada; Duração; Ética da inteligência.

RÉSUMÉ: Notre intention est d'étudier en détail le dialogue philosophique enrichissant entre les œuvres de Gaston Bachelard (1884-1962) et Henri Bergson (1859-1941), en nous concentrant sur le concept du Néant et son lien avec l'idée de Durée. Nous aborderons tout d'abord la thèse centrale présentée par Bergson au sujet du Néant, qui est décrit comme un *être-plus* dans le dernier chapitre de son ouvrage *L'Évolution créatrice* (1907). Ensuite, nous aborderons les idées de Bachelard sur la Durée et le Néant, telles qu'elles sont présentées dans *La Dialectique de la durée* (1936), en soulignant que cet ouvrage représente une réévaluation critique de la perspective méontologique-temporelle de Bergson. Dans le troisième chapitre, nous analyserons, du point de vue de Bachelard, le

CC BY 4.0

renouvellement de notre intuition et de notre compréhension du temps en réfléchissant au phénomène des superpositions temporelles ordonnées par l'intelligence capable de produire une sorte d'éthique rationnelle. Dans la conclusion, nous montrerons que c'est la question du néant qui nous amène à caractériser une éthique de l'intelligence chez Bachelard.

MOTS-CLÉS: Bachelard; Bergson; Néant; Durée; Éthique de l'intelligence.

Introdução

Para Marie Cariou (2008, p. 23), que elaborou o prodomo do livro que recebeu o mesmo título e que sugere reticentemente: "Bergson e Bachelard, descontinuidade *e* continuidade...", a filosofia do tempo proposta por Bachelard não se restringiu a romper de maneira definitiva com a tradição espiritualista e epistemológica da França, que remonta a Brunschvicg — seu orientador de doutorado — e Bergson, que foram pilares do "momento filosófico" francês em 1900 (Worms, 2006, p. 39). Na realidade, essa reflexão metafísica pode ser vista como uma reavaliação da filosofia temporal bergsoniana, a qual reconhece suas influências espiritualistas por meio de uma filosofia do repouso em *A dialética da duração*, ao mesmo tempo em que apresenta críticas mais incisivas e contundentes ao conceito de continuidade.

A crítica à noção de continuidade temporal pode ser vista como uma das análises mais profundas acerca do dilema do nada, legado dos antigos pensadores da natureza de Eleia. É relevante mencionar Zenão e suas antinomias, como nos casos do arco e

CC BY 4.0

a flecha, e de Aquiles e a tartaruga. A essa tradição ontológica de pensamento à qual Bachelard e Bergson estão ligados, mesmo que de forma indireta, se rediscute uma vez mais a noção da mudança do tempo e de instante *vs* duração. A apropriação dos conceitos eleatas por Bergson e sua transferência, enquanto questão, para a filosofia de Bachelard não se limitam a uma mera reverberação do problema ou a uma solução à questão fundamental sobre a realidade temporal, mas à sua origem, isto é, sua proveniência efetiva a partir do ser ou do não-ser.

Para Bachelard, enquanto o que pode ser intuído é o instante, a duração se apresenta de maneira verificável, o que implica uma reestruturação do conceito enquanto fenômeno temporal. Ao contrastar essas ideias com as descrições de Bergson, escanda-se pela correspondência entre diferentes momentos de reflexão, as noções de descontinuidade e nada em cotejo. Segundo Bachelard, a intuição foi ampliada e respaldada pela razão, o que difere da perspectiva meramente instrumental da inteligência e seu círculo vicioso de Bergson: a duração que "reinava como senhora", agora, "pode ser empregada como serva" (Bachelard, 2010, p.45).

Em seus escritos, Bergson, que foi fortemente influenciado pela recepção do pensamento fenomenológico de Husserl, que havia cruzado o Reno e se disseminado pela França, argumenta que a duração é contínua e está imediatamente conectada à consciência (intuição pura/pensamento simples). Por isso, em todo caso, a duração e o nada são conceitos estruturados a partir de determinada atuação do psiquismo humano no bergsonismo.

CC BY 4.0

Face a esse cenário de discussão, Bachelard desenvolve uma de suas afirmações sobre o tempo mais sagazes, que pode ser sintetizada assim: a duração somente se mostra contínua na forma de impressões, sendo essencialmente definida por uma série de instantes descontínuos e pelos diversos "nadas" que os separam. Em outras palavras, para Bachelard, a duração deve incluir, dialeticamente, o nada em sua composição, assim como a razão integra os momentos descontínuos dentro de um mesmo pensamento, em detrimento de um ato, isto é, uma escolha voluntária.

Somos conduzidos, finalmente, diante dessa contenda em torna da questão do nada, a pleitear o porquê, para Bachelard, a duração ser uma realidade pensada mais que vivida e, por isso, plena de lacunas. Por outro lado, quando observamos essa realidade pela ótica do nada segundo Bergson, ela se revela como um mero pseudoproblema filosófico do atributo suplementar (*ser-mais*) dos objetos. Dessa forma, nosso intuito é explorar de forma aprofundada o rico diálogo filosófico entre as visões de Gaston Bachelard e Henri Bergson sobre o conceito de nada e sua relação com a noção de duração, a qual imaginamos estar sustentada por uma ética da inteligência no segundo mais que no primeiro.

Iniciaremos com a exposição da tese central de Bergson sobre o nada, apresentada no último capítulo de sua obra *A evolução criadora*, onde é definido como um *ser-mais*, além de sua conexão com o conceito de duração contínua, fundamental para sua filosofia. Após isso, destacaremos as contribuições de Bachelard em relação às ideias de duração e de nada, conforme desenvolvido em *A dialética da duração*, ressaltando que se trata

CC BY 4.0

de uma crítica à abordagem meontológica-temporal de Bergson discutida anteriormente. Por fim, analisaremos como, sob a perspectiva da filosofia do repouso de Bachelard, a alternância entre ser e nada pode proporcionar uma renovação na nossa intuição e entendimento sobre o tempo, a partir do que chamamos de *ética da inteligência*.

1. A análise de Bergson sobre a questão pseudofilosófica do nada: o nada como um *ser-mais*

Worms e Wunenburger (2008, p.45) destacam um ponto muito relevante que devemos explorar, eles escrevem: "Bachelard antecipa uma crítica fenomenológica de Bergson, nos mostrando que é necessário inserir as lacunas que Bergson não soube enxergar em nossa experiência e conhecimento sobre o tempo". Essas lacunas podem ser vistas como vazios que formam o tempo. De acordo com Bergson, a ideia de nada (não-ser) é apenas uma construção elaborada pela nossa razão estática, que recorre ao vazio para definir o que é pleno (Bergson, 2005, p. 297). Para ele, isso representa um grande problema, pois a duração contínua nunca se atrasa, jamais falha ou deixa de fluir e correr.

A temática do nada, em sua filosofia, foi discutida em *A evolução criadora* (1906) e, no ano anterior, apresentada na forma de um artigo em um dos volumes da *Revue philosophique*. O conceito de nada — que Bergson considera um pseudoproblema filosófico e um erro inicial — é resgatado pela filosofia do tempo proposta por Bachelard, que reconhece que a duração pode ser diretamente estruturada pelo nada: "nossa primeira tarefa

CC BY 4.0

devia ser a de postular metafisicamente – contra a tese bergsoniana da continuidade — a existência de lacunas na duração. [...] (Bachelard, 1994, p.7). Logo, "digamos desde já", conclui Bachelard, "que do bergsonismo aceitamos quase tudo, exceto a continuidade" (Bachelard, 1994, p.16).

Por sua vez, pensar o momento negativo do tempo se tornou uma das principais tarefas a ser cumprida em *A dialética da duração*. O próprio Bachelard destaca: "nossa primeira tarefa devia ser a de postular metafisicamente – contra a tese bergsoniana da continuidade – a existência de lacunas na duração. [...] (Bachelard, 1994, p.7). Tal movimento filosófico busca complementar a tarefa enunciada anos antes em *A intuição do instante*, a saber, "esclarecer essa nova intuição", em que o "tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nadas" (Bachelard, 2010, p. 14; 16)

E por mais que a maioria dos filósofos da natureza pré-socráticos não tenham ainda se ocupado da questão do nada com rigor, dirá Bersgon, em conformidade com Heidegger, ela permanece sendo "a mola secreta, o motor invisível do pensamento [...]" (Bergson, 2005, p. 299). Afinal, "*Porquoi il a plutôt qualque chose que rien*?" (Leibniz apud Heidegger, 2008, p. 393). Além disso, uma declaração significativa em *A evolução criadora* reflete essa asserção de Bergson: "A existência aparece-me como uma conquista sobre o nada" (Bergson, 2005, p. 299). Tal declaração poderia passar despercebida no texto de *L'évolution créatrice* se não deduzíssemos daí tal resposta a partir da pergunta fundamental de Leibniz: Como pode nossa vida, segundo as teses bergsonianas, parecer uma conquista sobre o nada se existir, de acordo com Bachelard, consiste em admiti-lo?

CC BY 4.0

Ora, escolho algo em vez de nada. Mas como fazer com que a dialética temporal vá, segundo Bachelard (1994, p. 12), "do ser ao ser, sem fazer com que o nada intervenha"?, já que parar "de transcorrer é parar de subsistir", afirma ele.

Todas essas questões são pertinentes. Vamos analisar e comparar as respostas fornecidas por Bergson e Bachelard.

Bergson apresenta uma resposta por meio de uma afirmação clara, que servirá como base para nossa exploração: "Digo a mim mesmo que poderia e, mesmo, que deveria não haver nada, e então me espanto com o fato de que haja algo" (Bergson, 2005, p. 299). Portanto, o autor oferece uma resposta ousada à indagação de Leibniz transcrita anteriormente, mesmo que de maneira provisória, supondo que se algo existe e é capaz de nos espantar com sua presença, "A existência me parece uma vitória sobre o nada" (Bergson, 2005, p. 299).

Essa afirmação poderia ser ignorada no texto de Bergson se não deduzíssemos dela a resposta à questão central levantada por Leibniz (e também a questão de Heidegger). O peso evidente que tem a resposta de Bergson (como a percebemos), à suposta indagação sobre a existência do nada, estabelece uma ruptura essencial com as condutas metafísicas convencionais de pensamento que emergiram da especulação meontológica de Heráclito, considerado como seu grande iniciador; uma vez que a consciência é uma faculdade capaz de revelar o mundo e as coisas que aí estão dadas por meio de uma mediação entre *psyché* e matéria, cujo fluxo movente da duração cumpre a função de ligá-las, na visão de Bergson, a reflexão sobre o nada nos confunde em termo, levando-nos a uma busca infrutífera

CC BY 4.0

por soluções a questões desnecessárias, que nos legam problemas filosóficos ilusórios.

Bergson resumiu o problema da metafísica heraclitiana a partir da seguinte afirmação: se algo perdura, isto é, se algo existe, então deve ter surgido do nada. Mas sua crítica repousa no fato de que a realidade é sempre interpretada como um acontecimento que se estende sobre o nada ou como uma substância nele depositada: "primeiro era o nada, e o ser por acréscimo" (Bergson, 2005, p. 299). Isso sugere que, em um primeiro momento, existe apenas o vazio, e posteriormente algo deve surgir. Todavia, de acordo com Bergson, a duração não precisa, e nem pode abarcar esse algo que nada é para se desenvolver de maneira contínua. a duração não necessita, e nem pode abraçar aquilo que é inexistente para se manifestar de maneira contínua. A essência inquebrantável do fluxo espiritual, que percebe metafisicamente a realidade, não se sujeita a um movimento que introduza o nada na dinâmica da vida, a fim de compreender a realidade na consciência. Ou seja, a filosofia bergsoniana não permite o estabelecimento uma ação mediada por qualquer dicotomia ou contradição (negação/afirmação), porque, como veremos, a realidade é sempre uma afirmação *sobre* a existência, é um pleno absoluto (afirmação da afirmação).

Todavia, Bachelard (1994, p. 16) discorda, ele diz que, para Bergson, cito:

> o ser, o movimento, o espaço e a duração não comportam lacunas; não podem ser negados pelo nada, pelo repouso,

CC BY 4.0

> pelo ponto, pelo instante; ao menos, essas negações estão condenadas a serem indiretas e verbais, superficiais e efêmeras. Em resumo, seja em nossa intuição da duração, seja em nossas concepções do ser, seja ainda no serviço de nossas funções, estamos entregues, de acordo com o bergsonismo, a uma continuidade imediata e profunda, que não pode romper-se senão superficialmente, no exterior, na aparência, na linguagem que pretende descrever. As descontinuidades, o parcelamento, a negação aparecem apenas como procedimentos para facilitar uma exposição; psicologicamente, localizam-se no pensamento, nunca no próprio interior do psiquismo. [...].

Se não tivéssemos a capacidade de recordar, os termos "vazio" e "nada" não teriam significado algum, já que "aquilo que percebemos é a presença de uma coisa ou de outra, nunca a ausência do quer que seja" (Bergson, 2005, p.305). Porém, a noção de nada surge, segundo a tendência do pensamento de Bergson, ao substituirmos um elemento por outro. Em verdade, nossa consciência subjetiva compreende o nada no fluxo entre o tempo passado e o futuro. Na experiência concreta, considerando que as características do nosso estado de consciência se conectam diretamente ao que está em

CC BY 4.0

movimento, elas não se manifestam como uma irrealidade ontológica, mas sim como uma atualização específica de estados conscientes. Este é um aspecto que parece não comportar "lacunas", como Bachelard menciona ao se referir ao que ele considera um psicologismo da anteplenitude (Bachelard, 1994, p. 16).[2] Sobre esta questão, Bergson (2005, p.309) ainda escreve:

> Representar-se esse objeto como inexistente não pode consistir em retirar da ideia desse objeto A a ideia do atributo "existência", já que, mais uma vez, a representação existência do objeto é inseparável da representação do objeto e é uma só coisa e mesma coisa que ela. Representar-se o objeto A como inexistente, portanto, só pode consistir em *acrescentar* algo à ideia desse objeto: acrescentando-lhe, com efeito, a ideia de exclusão desse objeto particular pela realidade atual em geral. Pensar o objeto A como inexistente é primeiro pensar o objeto e, por conseguinte, pensá-lo

[2] Para a discussão a respeito desse tema, consulte nossos trabalhos: MACHADO, F. Bachelard e Bergson: uma psicologia temporal. *Kalagatos*, Fortaleza, V.17, N.2, 2020, p. 122-148. MACHADO, F. Duração e memória: a crítica de Gaston Bachelard ao psicologismo temporal bergsoniano. *Kínesis*, Marília, Vol. VIII, n° 18, Dezembro, 2016, p.109-125.

CC BY 4.0

> como existente; é, depois, pensar que uma outra realidade, com a qual é incompatível, o suplante.

De acordo com Bergson, a realidade entendida como "Toda a realidade", em verdade, como uma realidade plena, prescinde do nada enquanto ausência de realidade, porque o objeto negado implicaria, contra todas as expectativas, a bem dizer, em uma retirada parcial do Todo, um recuo no sentido, uma virada meontológica. Portanto, "aquilo que percebemos é a presença de uma coisa ou de outra, nunca a ausência do quer que seja" (Bergson, 2005, p.305). A noção "negativa" de nada surge quando nossa inteligência, ao trocar a imagem de um objeto por outra, interpreta um nada parcial como sendo um nada absoluto e não como uma representação categorial adicional do objeto mencionado. Nestes termos, a ideia de nada é um *mais-ser* do Todo, antes que uma aniquilação parcial objeto passado. A percepção de um objeto existente é, portanto, acompanhada pela consideração de um objeto inexistente, o que valida a exclusão de uma realidade anterior e enriquece a estrutura da duração. O que ocorre aqui é uma substituição e acréscimo de uma nova imagem percebida imediatamente na consciência a partir de um fenômeno vivido em sua atualidade. Por isso, no bergsonismo, a memória deve sempre vir em auxílio da inteligência estática.

> Em outros termos, e por mais estranha que nossa asserção possa parecer, há mais e não menos na ideia de um objeto

CC BY 4.0

> concebido como "não existindo" do que na ideia desse mesmo objeto concebido como "existindo", pois a ideia do objeto "não existindo" é necessariamente a ideia do objeto "existindo" *com*, em acréscimo à representação de uma exclusão desse objeto pela realidade atual tomada em bloco (Bergson, 2005, p.310).

Quando a memória é capaz de diferenciar e reconhecer estados que vão dos presentes – como os momentos do passado, por exemplo – tudo o que foi vivenciado e permanece na memória são recordações da vida em suas diversas nuances; elas podem incluir as memórias de bens ou sentimentos que se dissiparam, amores ou traumas. Para tanto, segundo Bergson, a percepção de recusa ou aniquilação de certas imagens está mais ligada à manifestação do passado no momento atual, em vista de novas percepções e memórias, do que de divisões desconectadas dessas mesmas imagens geradas por um suposto nada. Conforme Bergson (2005, p.319): "A ideia de abolição não é, portanto, uma ideia pura; implica que se sinta falta do passado ou que se conceba como fazendo falta [...]". Se colocarmos novamente a pergunta "por que existe algo?", Bergson responderia: é "uma questão desprovida de sentido", pois algo consagrado a alguma existência sempre é consciência de alguma coisa dada, para falar num tom husserliano, pois "cavalgando o corpo de realidade positiva ao qual está vinculada, esse fantasma se objetiva" (Bergson, 2005, p.320).

CC BY 4.0

Mas perguntaríamos, junto a Bachelard: de que forma a existência pode ser vista como uma vitória sobre o nada, se esse nada é uma conquista sobre a própria vida, seja com a morte, seja com a sua presença insinuante constante? Ou então, se existir implica reconhecer sua presença, o nada não seria o combustível da própria vontade de recomeçar? Ademais, referirá Bachelard (1994, p. 22): "A destruição se faz muitas vezes e sua construção nunca termina. [...]. Analisa-se o real a golpes de negação. Pensar é fazer abstrações de certas experiências, é mergulhá-las voluntariamente na sombra do nada". A ideia de contrastar a noção de nada com a de Todo se reduz, segundo Bergson, em opor o pleno ao mais pleno ainda. Isso nos leva ao conceito de lacuna e risco que Bachelard explora em sua obra a respeito do tempo de 1936, onde se propõe a examinar as teses de Bergson sobre o nada, apontando que ele não foi à essência mesma da resposta à questão. No próximo tópico, iremos mostrar como isso se deu.

2. O primado da lacuna e do risco segundo Bachelard

Segundo Bachelard, uma fenomenologia temporal coloca em franca oposição cada fenômeno do tempo que se manifesta segundo um ritmo muito particular, e que comporta as lacunas e os intervalos que lhes são convenientes, como diz o autor: "o tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nadas" (Bachelard, 2010, p.15). A tese que discutiremos, fundamentada na filosofia de Bachelard a respeito da noção de nada (à luz do bergsonismo), de modo algum constituirá um "debate fútil", na verdade, é através dessa releitura crítica das

CC BY 4.0

ideias bergsonianas a respeito do tempo que Bachelard busca restabelecer filosoficamente o "equilíbrio entre a passagem do ser ao nada e a passagem do nada ao ser" (Bachelard, 1994, p.7). Para Bachelard, a filosofia de Bergson seria uma filosofia do pleno sustentada por uma psicologia da plenitude. Nesse contexto, tudo é percebido como extremamente "rico", "nuançado" e "dinâmico", o que garantiria que tanto seu sistema de pensamento pautado na noção de continuidade quanto sua ideia de duração não estejam sujeitas a ameaças e descontinuidades. Em Bergson, o "palco psicológico nunca fica vazio", dirá Bachelard (Bachelard, 1994, p.11). Bachelard ainda contesta essa afirmação ao referir que a vida em condições "plenas", conforme a filosofia de Bergson, não tem motivos para temer, uma vez que não existem razões para fracassos definitivos, visto que sempre uma ação sucederá a outra de forma contínua, sejam elas ativas ou passivas (Bachelard, 1994, p.11). Para nós, esta é a ideia central que fundamenta a interpretação crítica de Bachelard em relação ao bergsonismo. E com isso, iniciemos nossa discussão.

Contrariamente ao que pensa Bergson sobre a vida, essa confiança no "palco psicológico [que] nunca fica vazio" é descrita por Bachelard como a "segurança do sonâmbulo" (Bachelard, 1994, p.11); a energia vital, conceito caro ao bergsonismo, que move nossas ações sempre, o fará mesmo sem que tenhamos consciência de quando ou como elas se realizam, acumulando a "facilidade de todo o substancialismo", isto é, de todo continuísmo, onde tudo já está disponível, completo, inteiramente formado, contudo, absolutamente estanco (Bachelard, 1994, p.11). Assim, tudo o que persiste é parte de

CC BY 4.0

um desdobramento de uma ação primordial de estados e ocorrências que *nada* se alternam a partir de sua causalidade (*élan vital*), caracterizando todo o "*pansiquismo*" como um "*pancronismo*", no contexto bergsoniano. Cito Bachelard:

> Sabemos que, para Bergson, a ideia do nada é afinal, mais rica que a ideia do ser, pela simples razão de que a ideia do nada só interviria e se esclareceria ao acrescentar uma função suplementar de aniquilação às diversas funções pelas quais expomos e descrevemos o ser. Assim, a ideia de nada é, segundo Bergson, funcionalmente mais rica que a ideia de ser. Desse modo, nenhuma substância poderia, face ao conhecimento que temos dela, ter um vazio, nenhuma melodia poderia ser cortada por um silêncio absoluto. [...] De alguma forma, todas as possibilidades do pensamento e da ação humana se tornam infalivelmente atributos da substância considerada, tendo em conta uma engenhosa doutrina da atribuição negativa (Bachelard, 1994, p.13).

Se analisarmos essa citação de Bachelard, que nos parece extremamente fiel ao sentido que denota o psicologismo bergsoniano sobre o pleno, constatamos que essa filosofia por

CC BY 4.0

demais substancialista não permite nenhum "balanço", nenhuma "flutuação", nenhuma "oscilação" (Bachelard, 1994, p.14). Segundo uma terminologia bastante explorada em *A intuição do instante*, toda filosofia substancialista não comporta a noção de novidade (do instante). A transformação de um estado de consciência, que substitui a impressão de um dado, não admite hiatos no fluxo dessa continuidade fluída, daí que, para Bergson, segundo Bachelard, "ou estou pensando ou estou agindo: sou coisa ou filósofo" (Bachelard, 1994, p.14). A filosofia de Bergson seria, também, uma espécie de filosofia do êxito, um êxito que requer "compensações ontológicas" que firmemente impedem e se opõem a qualquer derrocada do ser que dura (Bachelard, 1994, p.14).

Se, portanto, a consciência e a vida exitosa não integram o nada do instante de novidade, na acepção de Bachelard, que risco puro e real corre a vida, segundo a doutrina bergsoniana, diante de tantas compensações ontológicas? Se a vida é suscetível à evolução, como podemos evoluir (de maneira criativa) se nos instantes precisos das decisões que nos testam não somos lançados à beira do abismo e da incerteza pelo nada? Essas são perguntas que o próprio filósofo busca responder.

Bachelard alega que Bergson nunca pensou a vida por este viés, antes, o bergsonismo é uma filosofia indulgente com a vida, pois, por mais que por detrás de um impulso vital hajam garantias de sucesso — se, por exemplo, a inteligência falhasse, diante do *élan vital*, estivesse ali o instinto ou torpor para suprir a ausência dessa função —, o risco de viver estaria cerceado por um agir que nunca cessa, isto é, uma conduta que nunca repousa, onde o risco responderia mais à sua função

CC BY 4.0

amparadora, mas nunca à descontinuidade de um instante de novidade. Nunca existe um risco real que responda tão somente ao nada em Bergson. Reproduzo uma outra citação esclarecedora de Bachelard a respeito do pensamento de Bergson:

> Todas essas teses, como se vê, não vão até a essência do risco e a favor do risco: o filósofo nada escreveu sobre o risco a favor do risco, sobre o risco absoluto e total, sobre o risco sem objetivo e sem razão, sobre esse jogo estranho e emocionante que nos leva a destruir nossa segurança, nossa felicidade, nosso amor; sobre a vertigem que nos atrai para o perigo, para a novidade, para a morte, para o nada.

E, uma vez que "a continuidade ou as continuidades podem apresentar-se como características do psiquismo, mas não se poderia, contudo, tomar essas características como acabadas, sólidas, constantes" (Bachelard, 1994, p.16). A dialética da realização e da aniquilação, segundo Bachelard, originou a primeira explicação da vida pelos filósofos da Grécia pré-socrática, sobretudo, aquelas provenientes dos filosofemas dos eleatas, com foco especial no efésio Heráclito. Baseado neles, Bachelard, por fim, defenderá que: "O pensamento puro deve recomeçar por uma recusa da vida. O primeiro pensamento claro é o pensamento do nada" (Bachelard, 1994, p.17).

CC BY 4.0

Ao analisar os dois tipos de juízos atributivos, um afirmativo e o outro negativo, como nos exemplos "essa mesa é preta" e "essa mesa não é branca", Bergson havia argumentado que, conforme a perspectiva filosófica que defende, o juízo negativo é considerado inferior por sua natureza. No entanto, ao sugerir que o primeiro juízo se relaciona com a ideia de nada, Bachelard (1994, p. 20) sustentará que "é preciso transmutar todos os valores de verificação, e é aos juízos negativos que sobretudo concederemos o valor de comprovação". Em outras palavras, a perspectiva epistemológica de que uma controvérsia decorrente de um erro molda a compreensão verdadeira do que realmente é, recupera seu valor. A realidade é reconhecida precisamente pelo que lhe falta, seu coeficiente de nadidade, se quisermos evocar Heidegger, isto é, aquilo que confere à verdade sua consistência de normatividade.

> Temos enfim uma maneira, bastante paradoxal, de refutar a tese bergsoniana: generalizá-la. Com efeito, a intervenção de um pensamento destrutivo, que Bergson propõe para dar conta da ideia toda especial de *nada*, parece-nos ser a regra para todos os conceitos. [...] Analisa-se assim o real a golpes de negação (Bachelard, 1994, p.22-23).

Logo, "um método para legitimar a primazia do juízo afirmativo, [...] seria bem pouco bergsoniano [...]", antes, é da negação de uma escolha que nossos juízos podem ser nutridos,

CC BY 4.0

afirmados: "A negação é a nebulosa de que se forma o juízo positivo real" (Bachelard, 1994, p.21). As ciências demonstram que cada evidência resulta de um esforço e de um afastamento das primeiras impressões. O equívoco, baseado em uma dúvida controversa, reserva ao desejo de compreender e examinar o ímpeto epistemológica no bachelardismo, haja vista que a verdade sempre surge "à frente de um fundo de erros" (Bachelard, 1994, p. 21). Ela não apenas faz do risco o limite mesmo das experiências reais como é turbulenta e polêmica necessária. Nos momentos suspensos, entre nadas, só uma escolha descontínua pode dar origem a um novo começo. Portanto, a filosofia de Bachelard é uma filosofia da recusa, do "não", a favor da vida, a favor de sua própria continuidade. Nesse sentido, cito Bachelard (1994, p. 34): "Nossa hesitação temporal é ontológica".

3. A questão do nada (ou: para uma ética da inteligência) a partir de Bachelard

Um dos principais objetivos do racionalismo moderno é demonstrar que o vazio ontológico que separa a causa e o efeito, ou seja, a subtração de realidade experimental que surge da causa ao efeito deve ser o foco do pensamento discursivo, que é essencialmente dialético. Essa afirmação é conhecida desde o famoso escrito *A filosofia do Não*, de Bachelard, que outrora já fora destaque em *A dialética da duração*.

Nessa direção, é fundamental começarmos este tópico enfatizando que a abordagem racional do tempo proposta por Bachelard destoa do causualismo filosófico de Bergson. Para

CC BY 4.0

Bachelard, a atividade racional da ciência contemporânea é sempre resultado de uma recusa que rejeita o pensamento inerte e carregado de preconceitos. Ao investigar as causas do tempo, que podem ser psicológicas, fisiológicas ou intelectuais, como discutido nos capítulos três, quatro e cinco de *A dialética da duração*, o autor assume que não existem regularidades nem mesmo simultaneidades entre as diversas causas dos fenômenos temporais, trata-se, portanto, de uma falha de realização entre as causas e efeitos determinantes.

Esses fenômenos temporais superpostos (superposições temporais) são combinações que formam uma duração que abrange uma visão não só filosófica, mas também científica do tempo, como evidenciado na teoria da relatividade de Einstein, uma vez que não é possível relacionar as causas primárias aos efeitos considerados secundários por meio de um pensamento linear e contínuo que escape à própria ideia de descontinuidade. *Com efeito, escreverá Bachelard (1994, p. 23) "a intervenção do pensamento destrutivo, que Bergson propõe para dar conta da ideia toda especial de nada, parece ser a regra para todos os conceitos. [...]. Um conceito nítido deve trazer a marca de tudo o que recusamos incorporar a ele"*. Entre o primeiro e o segundo estados temporais acima referidos, surge um vazio que gera um certo isolamento e um relativismo na percepção sensível — e também cognitiva — entre as diversas fases de um momento presente. A este "vazio", como sabemos, ele nomeia de lacunas temporais, ou o ato de "*esvaziar*" a uma ação positiva, cuja marca e dom do instante impõem o seu absoluto temporal, marcando o ritmo negativo de ser (Bachelard, 1994, p. 18). A física moderna oferece exemplos claros a esse respeito, indicando que os

CC BY 4.0

diferentes estados de um único átomo ao longo do tempo são exatamente equivalentes aos de um conjunto de átomos em um momento específico (Bachelard, 1994, p.61).

Portanto, a análise da relação de causa e efeito em um sistema quântico demonstra, igualmente, que a causalidade física do tempo atômico é tanto formal quanto eficiente, desafiando a noção de sucessão causal. É daqui que Bachelard extrai sua tese de que há nadas entre os diversos instantes desapropriados e descontínuos. Assim, se esse princípio de causalidade se mantém constante em um mesmo instante absoluto, dependendo do estado que apresenta, ora como onda, ora como partícula, se recomeçamos uma ação, devido à sua variação, metaforicamente, à imagem do tempo quântico e relativístico, sua origem e memória pouco importam, já que, para Bachelard, a novidade impõe um reinício à vida.

Na verdade, há uma dialética temporal restrita a uma causalidade ontológica de caráter realmente intensivo para Bachelard. Em outras palavras, o tempo possui riqueza, e não tão somente é mais rico que o próprio ser, como no bergsonismo, porque é e não é (Ser-nada); fenomenalmente, está sujeito a um princípio de incerteza e de instabilidade ontológica que o funda. Assim, a percepção imediata que acompanha a sequência causal de um fenômeno temporal, através de uma consciência clássica — tanto nas discussões da física moderna até as teorias psicofísicas do final do século XIX — é incompleta para explicar, por exemplo, as causalidades intelectuais que guiam os dois momentos que Bachelard considera formar a estrutura temporal de toda forma de vida, os quais representam

CC BY 4.0

momentos de intensidade do ser e de intervalo meontológico (Não-ser).

> Tomando assim seu aspecto analítico, um andamento temporal não terá direito, numa primeira abordagem ao qualificativo contínuo; ou, pelo menos, para que a continuidade de um andamento temporal seja bem fiel, bem real, bem certa, será preciso que os intervalos sejam convenientemente dispostos. É preciso então sempre sustentar a continuidade pela solidez. Será possível, deste modo, variedades na própria continuidade, [...]. Assim, daremos continuidade a um andamento temporal, seja aumentando a densidade dos atos intervalares, seja regularizando a aparição desses atos. Grosso modo, a duração rica e a duração regular são dois tipos bem diferentes de continuidade (Bachelard, 1994, p.80).

Tal qual os alicerces de uma obra estruturada, a solidez do prédio, por exemplo, análoga à rede do tempo, que a tudo engloba, possibilita que seus intervalos variem, com isso, a construção se ergue aritmeticamente determinada. Igualmente, tomar densidades diversas e espaçamentos hierarquicamente organizados do tempo de nosso ser como acabados, a partir de

CC BY 4.0

intervalos recusados ou continuados de nossos atos, é, diante da complexidade da vida, "sustentar a continuidade pela solidez" de nossas melhores decisões pessoais (Bachelard, 1994, p.80).

Em todo caso, a diversidade e multiplicidade de nossos atos garantem uma espécie de ética que torna o nosso tempo mais rico e não necessariamente mais regulado, segundo imaginamos haver em Bachelard. Daí o instante e a lacuna serem constitutivos de certa duração que nunca se reduz à manutenção de nossa uma vida que corre segura e plena. Nos termos bergsonianos, uma vida sem riscos, ou seja, que não responde a instantes de novidades em detrimentos de viradas ou viravoltas.

Paralelamente a uma investigação causal do tempo orgânico (ou seja, da intransigência do instante diante da vida por meio do risco de novidade a ela imposta), de acordo com Bachelard, um estudo multifacetado sobre o não-contínuo revela o tempo interno em sua dimensão superior (formal). Esse tema é explorado no quinto capítulo da obra *A dialética da duração*, com base na ideia da origem intelectual do tempo e seu aspecto causal, segundo uma qualificação da duração pela razão. Aqui a duração é explicada a partir de sua dialeticidade. A premissa defendida por Bachelard é que, por meio dos fenômenos físicos, à primeira vista, conseguimos observar a dualidade da duração a partir de suas interrupções percebidas em um nível material. Agora, ao considerarmos a atividade superior da inteligência, nos aproximamos de "[...] nossa experiência íntima", do tempo interpenetrado pelo intelecto (Bachelard, 1994(a), p.67).

CC BY 4.0

O título de nosso artigo, que carrega a expressão "para uma ética da inteligência", nomeia a dinâmica própria entre razão e ato, ou inteligência e decisão no tempo (vontade), segundo as teses apresentadas em *A dialética da duração*. Explicamo-las. A partir de Bachelard, sabemos que em cada sequência temporal que sugere uma sensação de continuidade da duração, percebemos apenas uma progressão dos momentos de sucessões mecânicas; trata-se, portanto, simplesmente de uma "consequência fisiológica" (Bachelard, 1994, p.68). Já o ato que gera essa causalidade fisiológica do tempo e todas as outras, apartado de seu efeito, origina-se do impulso inicial de pensamento, que organiza e direciona nossa duração em suas diversas manifestações através do ato racional da escolha. Nesse contexto individual de cada sujeito que escolhe, segundo Bachelard, a inteligência adquire uma causalidade concreta. A vontade, como força motriz da inteligência, é, sem dúvida, o próprio obstáculo ao tempo; no entanto, "há um lugar para uma racionalização psicológica, que dará ao ato da inteligência uma eficácia especial" (Bachelard, 1994, p.68).

O que nos aparenta é que pensar o tempo é antes de tudo pensar a partir de uma suposta ética da inteligência em Bachelard, haja vista que a questão do nada, que serve de prelúdio à pergunta do tempo (o que é a duração?) evoca, também, a própria propedêutica a que *A dialética da duração* faz alusão logo de entrada, a saber: uma propedêutica do repouso, na justa medida em que pensar a questão do tempo (e do instante face ao nada) é, essencialmente, perguntarmo-nos a respeito da ação intensiva e rica de nossos atos de inteligência. Tais atos podem ou não durarem, mas é certo que eles se constituem, cedo ou

CC BY 4.0

tarde, e a ética duradoura de nossos atos no tempo, organizado sempre a partir de atos de inteligência, muito bem pode, face a riscos diversos, revelar o nada ao invés de nada querer.

Conclusão

Nos parece que o repouso é o conceito bachelardiano que firma a isto que chamamos de uma ética da inteligência. Esse repouso é fruto de ações que organizam os diversos momentos da nossa existência, sendo atos voltados para experiências pessoais e íntimas. Não se direcionam para o exterior, para as questões sociais e, por extensão, políticas que afetam a coletividade, mas enfocam uma ética do indivíduo.

Trata-se de um ajuste de nossos próprios ritmos diante da necessidade de agir em benefício próprio, aceitando os riscos ligados à vida, mesmo diante de limitações, interrupções, descontinuidades e ausências, sem perder o controle racional sobre nossas escolhas estruturadas. Essas escolhas são capazes de integrar as diferentes experiências que formam a nossa complexa rede da duração, regulando nossos ritmos espirituais, cuja análise realizada por Pinheiros dos Santos serve de inspiração ao próprio Bachelard no derradeiro capítulo de *A dialética da duração*. Por isso, ele finaliza a obra validando sua prática clínica.

Em todo caso, não falamos aqui, conclusivamente, de um *éthos* político como se vê em Foucault. Em Bachelard, que tratou pouco ou quase nada de questões políticas, o conceito do nada possibilita a reflexão sobre uma ética da inteligência, já que em cada instante somos desafiados a agir no tempo. E, diante da

CC BY 4.0

necessidade de ação, em causa própria, na maioria das vezes, nesse ato de vontade a que nossas energias vitais respondem a essa dialética do tempo, o pensador parece sustentar que é necessário um programa de racionalização de nossas temporalidades. Ou seja, uma organização rítmica de nosso espírito através da ordenação de nossas diversas causas temporais, visando atingir uma filosofia do repouso a partir do nada, isto é, do nada querer, que nada tem a ver com preguiça ou quietude, mas com a busca incessante de um recomeço diante do instante.

Assim, repousar, de acordo com Bachelard, significa, precisamente, como lemos logo na introdução de *A dialética da duração*, que:

> Um filósofo não pode procurar tranquilamente a quietude. Necessita de provas metafísicas para admitir o repouso como um direito de pensamento; necessita de experiências múltiplas e de longas discussões para admitir o repouso como um dos elementos do devir. [...]. É na parte impessoal da nossa pessoa que um filósofo deve descobrir zonas de repouso, razões de repouso, com as quais fará um sistema filosófico do repouso (Bachelard, 1994, p. 6).

Ademais, a discussão sobre o nada e o ser, a partir das considerações de Bergson e Bachelard, não busca apenas

CC BY 4.0

revisitar uma problemática das antigas reflexões dos eleatas de antes de Sócrates, nem a verificar se se trata apenas um pseudoproblema filosófico ou a validar um juízo positivo como *ser-mais*, conforme a perspectiva de Bergson, ou ainda o dilema entre a vida (*vivida x pensada*) e o repouso proporcionados pela ordenação voluntarista de nossa inteligência, segundo Bachelard. Mas, como todo nada é antes uma ausência de instantes, ou, a nível ético, uma falta de ação no tempo, um descompasso de nossa conduta ou carência de regulação rítmica de nossas temporalidades mais particulares, este mesmo nada como ideia (como conceito), sempre será um quantificador de nossa conduta.

Um hábito estimulante de recomeço a cada instante que, ao fragilizar o ser e o expor ao risco de se viver, jamais admitirá que qualquer "metafísica do pleno" quebre a "supremacia da forma" (Bachelard, 1994, p. 74). Antes, exigirá dela, na forma de um ato de inteligência, para retomar uma expropriada terminologia bergsoniana em *A intuição filosófica*: *contato*, *simpatia* (do nada com a vida); que se traduz, consequentemente, numa postura ética da inteligência.

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. *A dialética da duração*. Tradução Marcelo Coelho. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A intuição do instante*. Tradução Antonio de P. Danesi. 2.ed. Campinas: Verus, 2010.

CC BY 4.0

BERGSON, H. *A evolução Criadora*. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A Intuição filosófica* - Col. Os Pensadores. Tradução Franklin Leopoldo Silva Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 55-68.

CARRIOU, M. G. *Continuité ou discontinuité. Um faux problème?*. In: Fréderic Worms e J-J Wunenburger (Org). Bachelard e Bergson: continuité et descontinuité?. Paris: PUF, 2006. p.3-23.

HEIDEGGER, M. Introdução a "O que é metafísica". In:_____. *Marcas do Caminho*. Tradução Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008, p.377-397. SANTANDER, J. Vazío, negacíon y nada, en Bergson. Tópicos del Seminario, Puebla, v.1, n.18, p.163-190, jul./dez. 2007.

WORMS, F. La rupture de Bachelard avec Bergson comme point d'unité de la philosophie du xx siècle en France. In: Fréderic Worms e J-J Wunenburger (Org). *Bachelard e Bergson: continuité et descontinuité?*. Paris: PUF, 2006. p.39-52.

WORMS, F; WUNENBURGER, J-J. *Bachelard & Bergson, continuité et discontinuité*. Paris: PUF, 2008.

Submetido em mês Julho 2025

Aprovado em Agosto de 2025

CC BY 4.0

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Nome do autor: Fernando da Silva Machado

Afiliação institucional: Universidade Federal de Goiás

E-mail: f.silva.machado.fm@gmail.com

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1459-7664

Link Lattes: http://lattes.cnpq.br/6921161667393136

CC BY 4.0